

## AMOR ADOLESCENTE

Kaka, uma menina quase moça. Na flor da idade, dos sentimentos e as paixões. Em casa, discreta, recatada, ajudante eficaz em todas as tarefas. Na escola, uma líder; briga, discute busca sua verdade estuda quando chama a atenção, deixa de lado quando a professora é muito chata. Na rua, com amigas, uma baita parceira, alegre, divertida e divertindo, bom ombro para conselhos e choros.

Mas aconteceu, sempre acontece, às vezes demora um pouco mais mas é invariável...aconteceu.

kaka se apaixonou. Não abriu o jogo, não contou para ninguém. Aquelas sensações estranhas estava mexendo com ela, não sabia como reagir diante de tantas mudanças. Queria sorrir, gritar ao mundo, outra hora queria chorar. Um sono danado, sem vontade de comer. O pior não era isso, o pior era a falta de coragem. Coragem dela em confessar que estava gostando de alguém, coragem do amado que não encarava e declarava, Kaka suponha que ele correspondia, mas como nenhum dos dois tinha coragem, ficava no lenga a lenga, sem nenhum declarar mas com ambos fazendo pequenos gestos: estando juntos quando podiam, pequenos toques de mão, mensagens pelo facebook, fotos conjuntas ou seja, aqueles contatos de quem não tem coragem de declarar e assumir o ato de gostar.

Tinha também outro problema, esse dos graves e de difícil solução: Pai e Mãe de Kaka. Como enfrentar as feras? Não é fácil tomar este passo afinal de contas, até então era a criancinha do papai e da mamãe e agora, de uma hora para outra o choque. Nossa menina cresceu, virou moça, esta sentindo os efeitos da primavera decorrentes da adolescência. Difícil, enfrentar pai e mãe seria uma tarefa heroica pela falta de coragem, por não saber como iriam reagir e, se não deixassem namorar? kaka ficaria desolada. Aí que raiva! Era o que pensava a menina moça.

O tempo passava e a menina não se resolvia. Um dia resolveu enfrentar seus medos. Criou coragem de falar sobre a sensação de gostar de alguém com sua amiga. A amiga, não fofqueira, mas faladeira, rapidamente falou para o 'amado' sobre o gostar de Kaka. O amado, sentindo que era correspondido, ficou alegre, sorria feito bobo e dizia: Vou dar um jeito, vou falar com ela, arruma um jeito que eu possa conversar com ela sobre isso.

Se encontraram, os olhos brilharam, o coração batia forte. Falar o que? Não sabiam nem como conversar, apenas se olhavam e riam, um sabendo do sentimento do outro sem precisar abrir a boca, só sorriso, alegria, palpitação. As mãos se espicharam, braços estendidos, aperto de mão que se eternizou, não largaram mais, faceiros, alegres, despreocupados com o mundo e as coisas ao redor.

Bem, vamos então para a segunda etapa, enfrentar os pais e ver a reação. Medo, angustia, falta de fé e de coragem. Como fazer? Quando? Vamos pedir para alguém estar junto e o estouro ser menor? Nossa! quanta complicação e angustia.

Chegou o momento, janta do grupo de amigos nativos da área. Todos reunidos, o rapagão chega todo alegre, faz questão de ir apertar a mão do sogro que ainda não sabe que é sogro, da sogra que estava preparando uma salada. Fica rodeando, conversando e perguntando de assuntos que nunca falou antes. Kaka chega junto, dão risadas, chegam perto um do outro, encostam os ombros, as mãos se roçam bem...não tem jeito. Pai, Mãe, nós queremos falar uma coisa com vocês.

O Pai vira para trás olhando firme o casal, nota as mãos juntas. A Mãe se vira olha e larga a pergunta fatal: O que foi Kaka? Qual o problema? Aiii, a mãe esta pegando pesado, estou com medo de falar, engasga a voz da menina. O Pai diz: fala minha filha o que vocês querem? O Pai olha para a Mãe e pisca o olho. A menina enxerga, o coração se acalma, a coragem chega de vez e diz: Eu e Beto estamos ficando, a gente quer namorar e queria que vocês soubessem disso. Pronto! Falou, agora bastava esperar a reação.

O Pai sorri, a Mãe tenta manter a seriedade, começa o discurso da seriedade, da responsabilidade, das coisas que meninos e meninas teimam em fazer, das consequências, dos estudos, da necessidade de estarem feitos na vida. Todo o discurso padrão que Pais e Mães fazem desde os mais remotos tempos.

Os dois, Pai e Mãe, olham para o casal, sorriem, estendem a mão e o Pai fala: Tá bom, agora deixem de frescura e se tu quer ser meu genro, trata de juntar lenha e me ajuda a fazer o fogo para assar a carne, aqui não tem moleza não, ainda mais para quem quer ficar com minha filha.

